

Fred HAILON. *Idéologie par voix/e de presse*. Paris:  
L'Harmattan. Collection "Sémantiques". 298 pp.  
ISBN 978-2-296-14018-9

Isabel Margarida Duarte  
iduarte@letras.up.pt  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto –  
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

O livro em apreço, incluído na coleção "Sémantiques", centra-se no estudo do efeito ideológico de discursos relatados de diferentes tipos, num *corpus* de periódicos da imprensa francesa, delimitado pelas eleições presidenciais de abril de 2002, quando, depois de uma campanha centrada quase exclusivamente no tema da "insegurança", Jean-Marie de Le Pen, candidato da extrema-direita, obteve perto de cinco milhões de votos e passou à segunda volta, à frente do candidato socialista Lionel Jospin. Situando-se numa perspetiva meta-enunciativa de análise do discurso, Fred Haillon demonstra, através duma análise muito fina e pormenorizada das várias formas de relatar discurso, de que modo a ideologia do partido de Le Pen (o Front National) contaminou o discurso de imprensa. A circulação de certas expressões, palavras e temas "naturalizou-as" e conferiu às ideias políticas do Front National uma importância desmesurada, tendo permitido que diferentes órgãos de informação de vários quadrantes as tivessem veiculado e expandido. A relação, sublinhada por Le Pen, entre insegurança e emigração, que seria, no entender do partido de extrema-direita, a causa de todos os problemas de violência sentidos pelos franceses, acabou por ser difundida por jornais variados como um dado de facto inquestionável, "natural".

O autor do estudo é doutorado em Ciências da Linguagem e investigador na área da análise linguística do discurso, mas foi jornalista profissional, o que concorre para a especial perícia revelada na análise crítica das relações verbais e ideológicas entre discurso político e discurso dos *media*.

O *corpus* está temporalmente delimitado entre setembro de 2001 e abril de 2002, ou seja, é balizado por dois acontecimentos recentes

fulcrais: os atentados em Nova Iorque e as eleições presidenciais francesas de 2002. Fred Hailon analisou quatro títulos da imprensa escrita: o jornal do Front National, *Présent*, os dois principais jornais diários franceses, conotados um com a direita e outro com o centro esquerda, *Le Figaro* e *Le Monde*, respetivamente e um jornal regional, *La Nouvelle République du Centre-Ouest*. O autor estudou ainda três discursos e os argumentários de campanha de Le Pen, justamente porque foram muitas vezes esses textos a fonte posteriormente citada pelos órgãos de informação, de forma direta, explícita ou indireta, meramente alusiva, comentada ou não.

Como nos diz, o seu ponto de vista teórico é a linguística da enunciação, “[...] prenant en compte le travail de la nomination. Cette approche semble à même de pouvoir permettre de construire un modèle propre à comprendre la construction idéologique du sens et de surcroît la circulation des représentations idéologiques de la place des sujets-locuteurs.”(p. 13). Quanto ao modelo teórico adotado, o estudo estriba-se, preferencialmente, na teorização de Jacqueline Authier-Revuz que, em diversos momentos, estudou o relato de discurso. Mas baseia-se sobretudo no seu livro *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, obra em dois volumes, de 1995, em que a linguista estuda a auto-reflexividade linguística e estabelece uma tipologia fina, arguta e exaustiva de diferentes maneiras de um discurso dar conta de outros discursos. Assim, Fred Hailon vai examinar as consequências discursivas e ideológicas do uso de vários fenómenos de representação de discursos outros, entre eles, sobretudo, modalizações autonómicas com glosa, alusões e modalizações tipográficas sem glosa, centrando-se no efeito do uso de aspas, negritos, parênteses retos e itálicos, efeitos que comenta com invulgar argúcia. Para poder chegar a conclusões seguras, o autor fez um levantamento exaustivo das Representações de Discurso Outro e das modalizações autonómicas existentes nos quatro jornais. As análises pormenorizadas que leva a efeito exigem obviamente que tenha em conta todas as nuances tipológicas que o complexo modelo de Authier-Revuz propõe e o linguista adota. Antes de passar a essa análise meticulosa, Fred Hailon traça com precisão o retrato da situação de comunicação muito específica e ideologicamente condicionante em que os discursos estudados se inserem.

As conclusões da investigação são muito interessantes, sobretudo

porque mostram de que modo certas formas de relato de discurso, como o discurso relatado, modalizações autonómicas interdiscursivas e outras modalizações autonómicas “interpretativas”, permitiram fazer circular as ideias do Front National nos diferentes textos de imprensa estudados. No caso das modalizações autonómicas interpretativas, por exemplo, o locutor jornalista espera que seja o leitor a tirar determinadas conclusões para as quais o discurso citado, devidamente enquadrado e comentado ou não pelo discurso citador, obviamente o conduz. De entre os vários mecanismos recenseados, são os casos de ambiguidade interpretativa aqueles que melhor deixam passar a ideologia do partido de Le Pen, por darem lugar a uma espécie de contágio ou contaminação discursiva, em que expressões, fórmulas mais ou menos fixas, palavras e ideias originárias do Front National são transcritas nos diferentes jornais, mas não obrigatoriamente marcadas nem sempre sentidas como discurso alheio citado. Por outro lado, Fred Hailon verifica também se as repetições que são feitas de uns discursos para os outros (e nunca o discurso de imprensa viveu tanto de colagens e apropriações de excertos de discursos alheios como hoje) implicam ou não mudança no semantismo e, logo, e na orientação argumentativa de fórmulas, palavras, discursos dos outros. E estuda ainda de que maneira os “faits d’altérité” podem servir de apoio para determinadas argumentações. Nalguns casos, basta a transposição de uma palavra alheia entre aspas (“jeunes”, por exemplo, que no discurso do Front National significa jovem árabe, emigrante, africano, violento) para se obter um determinado efeito argumentativo, de polémica, de distanciação, de confronto ideológico.

O livro divide-se em três partes. Na primeira (“Le modèle de la méta-énonciation et ses implications”), composta por um único capítulo (“La réflexivité métalinguistique et les hétérogénéités énonciatives”), o autor expõe criticamente as teorias em que apoia o seu estudo empírico, sobretudo as já referidas de Jacqueline Authier-Revuz sobre a reflexividade do signo linguístico, mas também comenta o entendimento ligeiramente discordante que sobre o mesmo assunto têm linguistas como Tuomarla e L. Rosier, para além de referir, mais rapidamente, as ideias de autores clássicos sobre o relato de discurso, como Ducrot e Bakhtine.

A segunda parte, que corresponde ao cerne do estudo empírico do *corpus*, intitulada “Les valeurs idéologiques de faits de discours autres et

de modalisations autonymiques (MA)”, divide-se em três capítulos: “Les glissements et les interventions dans le DR”, em que o autor distingue o discurso direto de outras formas mistas de relato, “Analyse des modalisations autonymiques (MA) du corpus”, em que todas as ocorrências de modalização autonímica são analisadas, e “La mise en discours de l’altérité dans *Présent, Le Figaro, Le Monde* et *La NR*”, capítulo no qual explica como se caracterizam alguns tipos de modalização autonímica em cada um dos jornais estudados, nomeadamente, modalizações de “empréstimo” e modalizações de distância assumida entre as palavras e as coisas. Estas diferentes configurações do discurso alheio próprias de cada um dos órgãos de informação vão permitir que o autor, no final do livro, possa traçar um “retrato” fundamentado e convincente de cada um dos jornais em apreço.

Na terceira parte (“Faits de circulation idéologique des direts”), ainda de análise empírica do material do *corpus* e consituída de novo por um único capítulo (“La circulation de points de vue mondains”), Fred Hailon estuda de que modo a circulação ideológica tem lugar, debruçando-se sobretudo sobre modalização de não coincidência, valores do interdiscurso e valores da modalização de distância entre as palavras e as coisas. Nesta parte, é analisado o destino discursivo de um conjunto de expressões e palavras retomados de uns jornais para outros, provenientes de vários locutores-tipo, como a polícia, os políticos, e os próprios jovens implicados nos distúrbios: “sentimento de impunidade”, “impunidade zero”, “insegurança”, “zones de non-droit”, e “sauvageons”, mas também “raiva” e “ódio”, além de algumas outras palavras características do discurso dos jovens. A forma como os diferentes órgãos de informação retomam e recontextualizam essas palavras e expressões, por vezes alterando-lhes o sentido, porque inscrevendo-as em contextos argumentativos diversos do original, é muito eloquente do ponto de vista ideológico.

Além da introdução e da conclusão, o livro apresenta uns quadros comparativos das diferentes formas de relato usadas pelos quatro jornais, muito úteis para sumarizar os dados estudados, a indicação precisa dos *corpora* analisados, quer do Front National quer, sobretudo, da imprensa escrita e dois índices específicos também úteis: um de conceitos e outro de referentes.

Em suma, Fred Hailon consegue, por meio de uma análise comparativa e contrastiva das enunciações, traçar quatro perfis diferentes consoante o

periódico analisado, ou seja, mostra como cada um deles está discursivamente formatado. Através dos comentários feitos pelos locutores jornalistas a propósito da insegurança, estuda o modo como os jornais retomam palavras alheias e as colocam ao serviço da argumentação própria, utilizando-as para construir um ponto de vista sobre o mundo (cf. p. 273). Mas, apesar das idiosincrasias e das diferenças, o autor conclui que os discursos dos vários jornais sobre a insegurança são fortemente condicionados pela ideologia política do Front National. Com efeito, circularia em França, na época abrangida pelo *corpus* em questão, a representação de que a insegurança estaria fortemente relacionada com a emigração. O apagamento das marcas de modalização no discurso concorre, segundo o autor, para se chegar a este efeito de evidência ideológica. De facto, a alusão funciona como um impícito ideológico (cf. p. 274). Como o linguista relembra, na conclusão do seu estudo, a circulação dos discursos pode ser apropriada ideologicamente falando, porque “[...] le discours cité est toujours tarvaillé par le discours citant, et [que] le discours cité prend son sens dans l’enchâssement du discours citant. Le message représenté ne renvoie pas à une parole d’origine, mais à une parole montrée comme autre dont le sens est reconstruit par une nouvelle situation d’énonciation.” (p. 70). Se ainda restassem dúvidas sobre o papel do relato de discurso e da heterogeneidade discursiva no caso dos textos de imprensa, a investigação de Fred Hailon acabaria com elas. O autor consegue, neste livro, relacionar muito eficazmente as marcas linguísticas do discurso do outro e as questões ideológicas suscitadas pelo encaixe ou pela diluição desse discurso alheio no discurso citador, ou seja, concilia uma análise local minuciosa e exaustiva dos fenómenos enunciativos com uma interpretação ideológica e globalizante dos respetivos efeitos de sentido, num exemplar movimento de vaivém entre a atenção ao pormenor linguístico e a capacidade de interpretação genérica, social e politicamente situada, das implicações de sentido daquelas marcas linguísticas.

#### REFERÊNCIAS

- Authier-Revuz, J. 1995. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire (tomes I e II)*. Paris: Larousse.

